Revisitando Djacir Menezes

Antônio Paim (*)

1 Indicações biobibliográficas

Djacir Menezes nasceu em Maranguape no ano de 1907. Estudou no Liceu Cearense e teve como professor de filosofia a José da Cunha Sombra (1883/1932). Dessa fase deixou-nos um depoimento que sugere muito o haja marcado um incidente com aquele professor. Jovem afoito, tendo percebido que o mestre tinha simpatias pelo espiritualismo, resolveu posar de "materialista" para chocá-lo e, na primeira oportunidade, citou a Ernest Haeckel (1834/1919). Haeckel tornara-se conhecido nos fins do século passado e início deste graças sobretudo aos autores ligados à Escola do Recife. Os ancestrais de Djacir eram pessoas cultas e desde cedo levaram-no ao contato com a língua e a filosofia alemãs, existindo nas bibliotecas paterna e do avô obras desses autores. Haeckel está ligado à suposição naturalista de que a ciência marchava para encontrar um elemento originário único a partir do qual poder-se-ia proceder-se a uma espécie de universalização do darwinismo. Numa certa fase de sua evolução filosófica, Tobias Barreto (1839/1889) valeu-se de argumentos retirados do haeckelismo para combater ao comtismo. Mas convenceu-se da irredutibilidade da cultura e da impossibilidade de esgotá-la a partir da ciência, requerendo investigação de índole filosófica. Como teremos oportunidade de assinalar, Djacir Menezes acabaria retomando a questão nos termos em que a situara o mestre sergipano, razão pela qual ambos filiam-se à Escola Culturalista Brasileira.

(*) Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Gama Filho. Presidente do Conselho Acadêmico do Instituto de Humanidades, com sede no Paraná.

Muito serenamente, José da Cunha Sombra respondeu mais ou menos nestes termos à provocação do jovem estudante: "ouvindo-o citar a Haeckel ocorre-me a imagem de uma caminhada por deserto árido e soturno, ao cabo da qual vemos despontar o sol: Emmanuel Kant". O incidente teve o mérito de revelar a Djacir a própria ignorância, desafiando-o a aprofundar-se nos estudos da filosofia alemã. Matriculou-se na Faculdade de Direito e ali defendeu tese de doutoramento em 1932. Sintomaticamente a tese foi assim intitulada: **Kant e a idéia do direito**. Tinha então 25 anos de idade.

Nos anos trinta Djacir Menezes está preocupado com a cientificidade do direito e adota teses neokantianas. Quer distinguir-se do mestre e amigo Pontes de Miranda (1894/1974). Com o mesmo propósito publica, ainda em 1932, **O problema da realidade objetiva**. Crítica às tendências idealistas da filosofia moderna (Fortaleza, Tipografia Gadelha, 1932, 144 p.).

Ainda nessa década passa a residir no Rio de Janeiro. Pretendendo dedicar-se ao magistério faz sucessivos concursos para diferentes cadeiras até ingressar, igualmente por concurso, na Faculdade Nacional de Filosofia, criada em 1939, construída a partir do acervo da Universidade do Distrito Federal e que reunia em seu Corpo Docente figuras expressivas da intelectualidade da Capital. Mais tarde seria bem sucedido em outro concurso, tornando-se professor da Faculdade Nacional de Economia.

No magistério do antigo Distrito Federal, Djacir Menezes fez uma carreira brilhante. Nas Faculdades antes indicadas, ensinava, respectivamente, Filosofia Social e Introdução à Economia. Ministrou também cursos de direito. Pertenceu ao Conselho Universitário e tornou-se reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Veio a ser também um dos mais freqüentes conferencistas do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, conferências sempre publicadas no órgão oficial da entidade (**Carta Mensal**). Tudo isso lhe valeu tornar-se amplamente conhecido dos círculos intelectuais do país.

Ao completar 80 anos, em 1987, Djacir Menezes recebeu muitas homenagens. A oportunidade ensejou diversos estudos dedicados à sua obra. Também para comemorar o evento, o Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, sediado em Salvador, publicou

Djacir Menezes, Bibliografia e estudos críticos. Reunindo as principais análises que sua obra mereceu, a publicação mostrou a vastidão de sua bibliografia e, ao mesmo tempo, a relevância de sua presença na filosofia e em outras esferas da cultura brasileira.

Djacir Menezes faleceu em 1996, aos 89 anos de idade. Substituindo-o na Academia Brasileira de Filosofia, Roberto Campos apresentou uma interessante visão do conjunto de sua obra (**Revista de Filosofia**, vol. I, no 1, janeiro/junho, 1998).

2 Idéia sumária da contribuição de Djacir Menezes à Escola Culturalista

Como indicamos, Djacir Menezes, nos anos trinta, acreditava na possibilidade de uma investigação filosófica que privilegiasse os marcos do que seria a filosofia das ciências, numa postura estritamente neokantiana, muito distinta do neopositivismo que, entre nós e naquele período, era cultuado por Pontes de Miranda. Enquanto este achava possível quantificar a ação social – e por esse passo chegar até o direito –, Djacir entendia que a presença da ciência na filosofia era indireta. Mais precisamente: a teoria do conhecimento tornava-se epistemologia, isto é, teoria do conhecimento científico. A epistemologia fixava os limites da incursão de índole filosófica, eliminando de sua esfera de interesse, na forma como estabelecera Kant, através da denominada perspectiva transcendental, tudo quanto ultrapassasse a experiência humana (em que consistiria a divindade; existência e formas da vida eterna; o que seria a natureza em sua totalidade, etc.). No plano do direito, desinteressava-se pelas questões relacionadas ao direito natural para cuidar dos temas suscitados pela própria vida, a exemplo do papel da violência (procurou deslindar essa questão na obra **Direito e força**, 1973).

Contudo, a epistemologia neokantiana não dava conta das questões relacionadas ao valor (a ciência prescinde de toda valoração), ensejando que do próprio interior dessa corrente surgisse uma vertente que se propunha romper com tal limitação. Essa variante partiu da constatação da existência de objetos referidos a valores (no neokantismo os objetos ou eram naturais ou ideais), pressu-

pondo uma teoria do conhecimento que desse conta da singularidade. Surgiu então a Escola Culturalista (procuro resumir o processo de sua formação no livro **Problemática do culturalismo**, 2ª. ed., 1995). Sintetizando essa evolução Wilhelm Windelband (1848/1915) afirmou: "A filosofia transcendental de Kant é, nos seus resultados, a ciência dos princípios de tudo aquilo que nós hoje reunimos sob o nome de cultura".

Conforme o seu próprio depoimento, no período entre 1942 e 1955, Djacir Menezes deu-se conta da pertinência da crítica culturalista neokantismo mas as soluções que propunha não o satisfaziam. Decidiu-se pela busca de um caminho próprio, inspirando-se em Hegel. Sintetizando, Djacir Menezes investigou a possibilidade de dar conta da singularidade da cultura, sem renegar aquela parcela do neokantismo centrada na epistemologia, através do conceito de **espírito**. A capacidade criativa do espírito humano promove o que denominou de "infusão significativa" nas coisas naturais. Ao dar conta desse novo mundo de significados, criado pelo homem, o essencial consiste em não dissociar as duas esferas (Natureza e Cultura) mas mantê-las unidas numa síntese dialética. Concebido não como uma categoria estática mas como "um ponto de chegada", o conceito de espírito pode atender àquela exigência. A investigação a que procede é densa e profunda bem como extremamente fecunda. Depois de sucessivas incursões no tema, abordando aspectos delimitados (entre outros: **O sentido antropógeno da história**, 1959, e **Rodolfo Mondolfo e as interrogações de nosso tempo**, 1963), dispôs-se, primeiro a tentar uma síntese em forma de conjunto de afirmações resumidas (**Teses quase hegelianas; para uma filosofia de transição sem transação**, 1972). Mas como as teses tornavam-se sucessivamente extensas e discursivas, decidiu-se por um livro síntese. Denominou-o: **Premissas do Culturalismo dialético** (1979), que ficaria como coroamento de sua meditação.

Ao longo dos anos em que cuidava de aprimorar o seu pensamento inspirando-se em Hegel, teve oportunidade de efetivar uma crítica demolidora à visão hegeliana do marxismo russo (**Hegel e a filosofia soviética**, 1959). Acerca do tema travou uma acirrada polêmica com o marxismo caboclo (**A querela anti-Hegel**, 1960). Preparou uma primorosa antologia desse autor (**Textos dialéticos**

de Hegel, 1969), tendo ainda ocasião de reunir num único livro textos dispersos dedicados ao assunto (**Motivos alemães**, 1977).

3 O professor

Como professor, Djacir Menezes adotava este método: procurava fazer com que seus alunos adotassem um ponto de vista e aprendessem a defendê-lo com base em argumentos. Assim transmitiu a algumas gerações o entendimento de que tanto a filosofia como as ciências estruturam-se em torno de conceitos e categorias básicas. Esses elementos de ordenação do real (de constituição da objetividade do conhecimento, como gostava de referir para precisar sua fidelidade aos ensinamentos kantianos) surgem e explicitam-se no curso histórico (assim era a sua compreensão do hegelianismo, ao invés da idéia de panlogismo e saber desencarnado que o próprio autor procurara fazer crer).

Deste modo, antes de optar por essa ou aquela solução, imprescindível se torna conhecer adequadamente os pontos de vista expressos pelos autores que se detiveram no tema em questão. Para tanto, deve-se ir direto às fontes deixando a consulta aos intérpretes para uma etapa posterior.

Portanto, sem esconder as suas próprias convicções mas ao contrário, tratando de deixá-las bem claras, Djacir Menezes nunca estimulou qualquer proselitismo. Seu empenho consistia em fazer com que marxistas e tomistas – que pululavam na Faculdade Nacional de Filosofia no início do pós-guerra – tratassem de conhecer a obra dos autores preferidos e soubessem explicar racionalmente esse tipo de adesão. Enfim, minava pela base posturas religiosas em matéria que não comportava tal visão.

Tendo tido oportunidade de ser sucessivamente seu aluno e colega de magistério, pude ver como expressava naturalmente, em relação ao Corpo Docente, o maior respeito pela pluralidade de convicções que os organizadores da instituição souberam assegurar. Para demonstrá-lo – e também para estimular o comportamento que mantinha com os alunos –, gostava de presentear aos colegas com livros que se achavam no âmbito de seus respectivos interesses (e

convicções), o que não deixava também de ser uma forma de estimulá-los a manter-se atualizados em matéria de informação bibliográfica. No exercício de cargos dirigentes (foi diretor da Escola de Economia e também da Faculdade Nacional de Filosofia, tendo lhe incumbido fazer a transição para o atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) sabia valer-se da circunstância para aproximar-se dos demais professores bem como da representação estudantil.

Djacir Menezes era uma pessoa afável no trato e, pessoalmente, desconheço que tivesse acessos de irritação, como seria natural que ocorresse nas funções que exerceu. Por onde passou deixou sempre numerosos amigos e admiradores.

4 O livro *O Brasil no pensamento brasileiro*

O livro ora reeditado pelo Senado e que o Instituto do Ceará, em muito boa hora, resolveu lançar de modo solene e à altura do homenageado, foi elaborado na década de cinqüenta para o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos que obedecia à competente direção do festejado educador Anísio Teixeira (1900/1971). Sua primeira edição apareceu em 1957. Mereceria uma segunda edição sob o patrocínio do Conselho Federal de Cultura (1970).

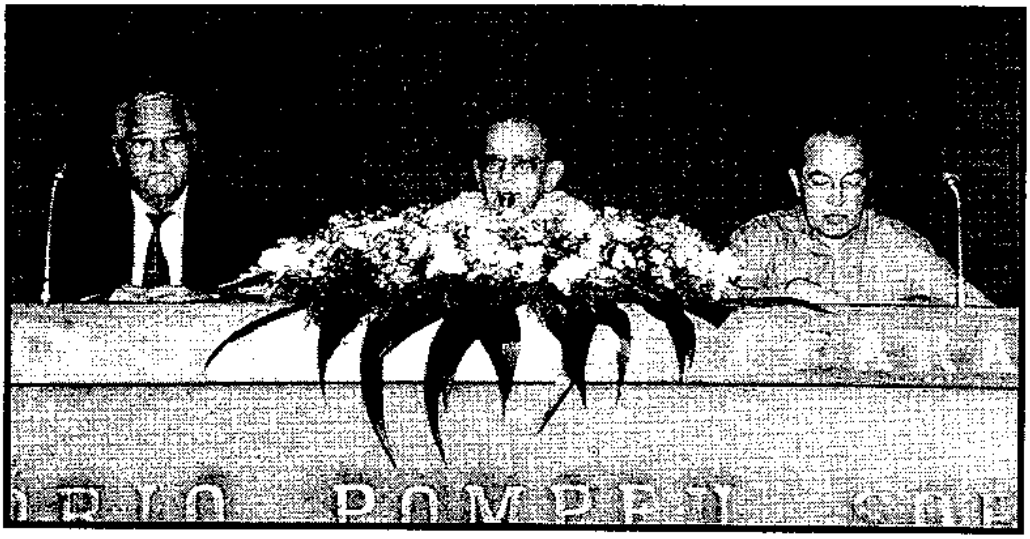
A presente reedição, primorosamente concebida e executada, deve-se à presença do Senador Lúcio Alcântara à frente do Conselho Editorial da Instituição onde representa o Ceará. Nunca é demais exaltar a eficiência e a dedicação de Lúcio Alcântara, que ademais sabe cercar-se de pessoas competentes, tendo convidado para integrar aquele Conselho, entre outros, a Joaquim Campelo e Carlos Henrique Cardim, dois intelectuais com notáveis serviços à cultura brasileira, que além do mais notabilizaram-se como editores de reconhecido prestígio no país.

O livro *O Brasil no pensamento brasileiro,* pretende inventariar o que brasileiros destacados pensaram de seu próprio país acerca destes tópicos: 1. As instituições e o meio social; 2. Eleições, rebeliões e partidos; 3. Retratos do Brasil; 4. Caminhos na terra e na história; 5. O ensino e as elites; 6. A tese republicana e 7. A crítica inconformista. A seleção dos textos é primorosa, sendo precedidos

de uma breve biografia de cada autor e da indicação do que há de mais importante em sua bibliografia.

A obra guarda inteira atualidade. Nenhum país pode dispor de um projeto autêntico se não adquire plena consciência de suas principais tradições culturais, a fim de ser capaz de avaliar o papel de cada uma. Dispondo de homens da envergadura de Djacir Menezes o Brasil será capaz de ir ao encontro de seu grandioso destino histórico.

(Conferência pronunciada na sede do Instituto do Ceará, em Fortaleza, no dia 23/04/1999 por ocasião do lançamento de *O Brasil no Pensamento Brasileiro*.



23 de abril de 1999
Lançamento do livro "O Brasil no Pensamento Brasileiro"
organizado pelo Prof. Djacir Menezes.

Da esquerda para a direita: Prof. Antônio Paim, que apresentou a obra, Cel. Paulo Ayrton Araújo, Presidente do Instituto do Ceará, e Senador Lúcio Alcântara, Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal.